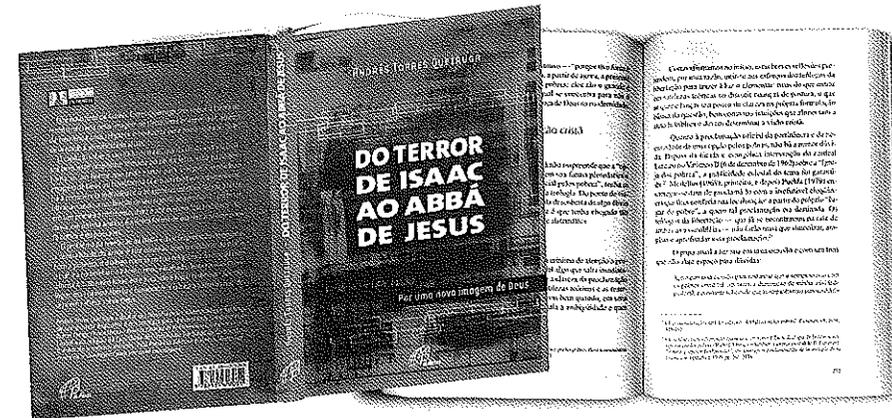


# RESENHA DO LIVRO: "DO TERROR DE ISAAC AO ABBÁ DE JESUS – POR UMA NOVA IMAGEM DE DEUS", DE ANDRÉS TORRES QUEIRUGA SÃO PAULO, PAULINAS, 2001

Dr. Afonso Maria Ligorio Soares

O livro ora apresentado inaugura a coleção *Questões em Debate*. Seu Autor já dispensa apresentações ao nosso público. De fato, desde a edição brasileira de sua teologia da revelação<sup>1</sup>, a obra de Andrés Torres Queiruga vem sendo paulatina e sistematicamente publicada e estudada entre nós. Monografias nos cursos de graduação e dissertações de mestrado dedicadas a seu pensamento, multiplicam-se<sup>2</sup>.

O presente trabalho sai no Brasil duplamente valorizado. Primeiro, porque o próprio Autor aceitou acompanhar passo a passo a tradução. E depois, porque constam desta edição trechos inéditos. Poderemos desfrutá-los principalmente nos capítulos 5 (b. Opção pelos pobres num mundo conflitivo e



<sup>1</sup> *A revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>2</sup> Cf., por exemplo, a dissertação de Roberlei PANASIEWICZ. *Diálogo e Revelação: rumo ao encontro inter-religioso*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

globalizado; c. A pobreza radical do ser humano) e 6 (d. O caráter pessoal de Deus como o irrenunciável cristão).

A teologia de Torres Queiruga tem sido uma boa parceira da práxis e da reflexão cristãs latino-americanas, principalmente em sua variável brasileira. A trajetória de seu pensamento em nossos centros de teologia e ciências da religião confirma seu propósito de estar em sintonia com as mais justas inquietações e questionamentos da sensibilidade atual.

Em fases delicadas como a que vive hoje o cristianismo, quando desafios enormes se colocam à frente dos cristãos e, ao mesmo tempo, novos ventos restauradores sopram de maneira preocupante nos meios eclesiais católicos (vide *Dominus Iesus*, por exemplo), não deixa de ser um alento deparar-se com a produção teórica deste Autor galego, que figura certamente dentre as mais auspiciosas novidades da teologia européia mais recente.

Sua bem sucedida iniciativa de pensar a inculturação da fé na sociedade moderna a qualifica como chave de leitura igualmente válida para outras possíveis e desejáveis inculturações. Donde a coincidência entre a oferta do pensador galego e as demandas de nosso contexto latino-americano.

Pois bem, já há alguns anos<sup>3</sup>, Torres Queiruga começava a formular outro conceito, destinado a desdobrar, com rara felicidade, as potencialidades embutidas em sua categoria-mestra, a maiêutica histórica. Tratava-se do termo *inreligiosa*, retomado agora no sexto capítulo desta obra. Foi cunhado como antídoto a certo estilo ainda presente no inconsciente coletivo, e que, espontaneamente, entende que o aproximar-se de outra religião significa “substituir com nossa verdade a daquela religião; em suma, anulando-a como tal para ‘convertê-la’ à nossa”. É o que ele afirma estar subentendido no conceito de inculturação: “em última instância, respeitar a cultura, mas substituir a religião” (p. 333).

O novo termo deveria dar conta de um paradigma que aceitasse as religiões como autênticos caminhos de salvação e que, portanto, se dispusesse a conservá-las enriquecendo-as. “Assim como, na ‘inculturação’, uma cultura

assume riquezas de outras sem renunciar a ser ela mesma, algo semelhante ocorre no plano religioso: (...) no contato entre as religiões, o movimento espontâneo em relação aos elementos que lhe chegam da outra deve ser o de incorporá-los em seu próprio organismo, que, desse modo, não desaparece, mas, pelo contrário, cresce. Cresce a partir da abertura ao outro, mas na direção do mistério comum” (p. 334).

Tal proposta é ilustrada a partir da metáfora paulina do enxerto para explicar a relação entre judaísmo e cristianismo. Ora, quem diz enxerto admite que “a planta receptora não é suprimida, mas acolhe em si mesma e alimenta com sua própria seiva justamente aquilo que a renova e lhe infunde nova vida”. Todavia, cada interrelação religiosa é peculiar; o processo da *inreligiosa* não é simétrico, e dependerá dos modos e possibilidades concretos das religiões que se encontram.

Ao combinar neste livro a proposta da *inreligiosa* com as categorias do *universalismo assimétrico* e do *teocentrismo jesuânico*, o Autor aprimora a intuição lançada em trabalhos precedentes e enriquece o debate no campo da teologia cristã do pluralismo religioso. Neste sentido, o Autor avança em relação às considerações do mais recente livro de J. Dupuis<sup>4</sup> sobre o assunto, sem, contudo, assumir plenamente uma perspectiva pluralista.

A partir de sua reflexão pode-se vislumbrar um promissor casamento da teologia da libertação com a teologia da *inreligiosa*. Uma articulada exegese dos capítulos 5 (Deus e os pobres), 6 (Deus e as religiões) e 7 (Deus e a cultura) desta obra poderia destrinchá-lo. Particularmente ricos seriam seus frutos numa leitura teológica do sincretismo religioso afro-brasileiro que, há séculos, vem marcando a história do cristianismo neste país-continente. As categorias torresqueirugianas podem trazer maior serenidade na abordagem de tais situações; pois, ajudam a fundamentar o imperativo de conviver e partilhar da experiência de Deus nos projetos de vida de nossos povos. Elas desculpabilizam os que têm optado, no cotidiano missionário-pastoral, por dialogar com os autênticos deuses populares, a fim de reunir os excluídos da

<sup>3</sup> Cf., dentre outros, *O diálogo das religiões*. São Paulo: Paulus, 1997.

<sup>4</sup> *Por uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.

sociedade em torno dos valores mais essenciais e contra o inimigo comum: a idolatria e suas nefastas conseqüências<sup>5</sup>.

O diálogo, porém, só irá adiante com uma prévia e arejada teologia da revelação. O teólogo galego está convencido disso e já tratou o tema em profundidade em obras precedentes<sup>6</sup>. Mas, para o bem da articulação interna deste novo livro, retoma seus pressupostos hermenêuticos numa sucinta consideração da revelação e do dogma cristãos (capítulo 1) fundamentada na experiência originalíssima do Deus-agápe (capítulo 3) e aplicada de forma paradigmática ao tema bíblico do sacrifício de Isaac (capítulo 2).

O avanço missionário cristão não equivale a “preencher de Deus” tradições até então ocas de divindade. Nosso Autor o explica a partir de duas idéias que o acompanham desde sua tese doutoral sobre Amor Ruibal. A primeira é “a presença real de Deus no centro de toda a realidade e no coração mesmo de toda a história humana”<sup>7</sup>. É, pois, inadmissível relacionar cristianismo/religiões desde o esquema: religião/não-religião ou presença/ausência de Deus.

A segunda idéia propugna o caminho histórico percorrido pelo povo de Israel e, mais tarde, pelos primeiros cristãos, não mais como um privilégio que separa, mas antes como “um chamado de alguns a fim de que se atinja melhor a todos”<sup>8</sup>. Caducam, assim, os modelos: religião verdadeira/religiões falsas, posto que todo ser humano está numa constitutiva relação sobrenatural com

<sup>5</sup> De fato, muitos praticantes da tradição dos orixás, da umbanda e de outras variáveis religiosas de nossa herança africana e indígena sentem-se sinceramente católicos. Acolheram em suas tradições de origem o enxerto cristão, expurgaram o que havia de desumano ou sem-sentido, misturaram o que não lhes pareceu ter muita importância, e mantiveram o que sua própria cosmovisão julgou positivo e enriquecedor.

<sup>6</sup> Cf. a já citada *A revelação de Deus na realização humana*, e *Constitución y evolución del dogma*: la teoría de Amor Ruibal y su aportación. Madrid: Marova, 1977.

<sup>7</sup> Cf. *A revelação de Deus (...)*, capítulo V.

<sup>8</sup> O Autor aboliu o termo “eleição” de seus escritos mais recentes, por reconhecer os graves mal-entendidos que este tem causado ao longo da história. Cf., além da obra ora resenhada, seu recentíssimo *Fin del cristianismo premoderno*: retos hacia un nuevo horizonte. Santander: Sal Terrae, 2000.

Deus e, portanto, em contato vivo com ele. As religiões são justamente a tematização de tal relação e desse contato.

Assim sendo, todas as religiões são verdadeiras; pois, nelas se capta de forma real, porquanto inadequada, a presença de Deus. Os limites estão no modo e na definitividade (p. 35s; 317). O Autor já insistira antes no valor absoluto das religiões na medida que nelas se joga o destino definitivo de tantos seres humanos. Mas também já havia admitido que a presença divina pode aí aparecer obscurecida e deformada, inclusive na religião bíblica (aberrações teóricas e perversões práticas) como preço inevitável pago por Deus para que seu amor salvador penetre na história respeitando a liberdade humana.

Todavia, o pretense valor absoluto das religiões não é algo pacífico. Seu conterrâneo M. Fraijó questiona se é possível aceitar que o destino definitivo do ser humano esteja ligado à prática de uma religião. “Não depende esse destino, ultimamente, de um Deus que não tem de se submeter necessariamente a nenhuma religião?”<sup>9</sup>.

Seja como for, a única dialética autêntica, afirma Torres Queiruga, é esta: verdadeiro/mais verdadeiro; ou ainda: bom/melhor. Jamais: mau/bom (p. 323). O limite da revelação não é imposto por Deus. Ao contrário, este procura a todo custo ser notado, no modo mais rápido e intenso possível, pelo maior número de pessoas. Sua estratégia amorosa investirá na tradição cultural-religiosa que se mostrar mais “sensível”, conseguindo superar-se na previsível limitação humana que ou não pode ou resiste a sua revelação.

Como fugir, porém, de certo “favoritismo” divino, primeiro por Israel e depois pelos cristãos? E mais: ao que tudo indica, o cristão não pode abrir mão da convicção de ter alcançado a plenitude definitiva - dentro do que cabe na história - somente em Cristo, que em sua insuperável comunhão com o Pai

<sup>9</sup> M. FRAIJÓ. *Fragmentos de esperança*: notas para uma filosofia da religião. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 206. O Autor discorda também de Torres Queiruga quando este afirma que “se partindo de nossa perspectiva o cristianismo é uma religião *relativamente absoluta*, as demais são *absolutamente relativas*”. Fraijó contrapõe a tal asserção aquela de H. Küng [neste ponto, fundamentalmente de acordo com K. Barth], quando este afirma que “enquanto religião, o cristianismo se mostra na história tão relativo quanto as demais religiões” (*Ibidem*).

culmina a tradição bíblica. Seria esse o limite do (macro-) ecumenismo e da inculturação da fé? Afinal, é impensável que as demais religiões se submetam a tal normatividade definitiva.

As objeções de M. Fraijó dão uma idéia da agudez e dramaticidade do problema<sup>10</sup>. Para esse autor, o enfoque de Torres Queiruga não consegue romper o círculo do etnocentrismo. Não é o caso, diz ele, de recordar a Israel sua condição de “melhor aluno da classe”<sup>11</sup>. E se pergunta se “não seria mais pertinente reconhecer que não sabemos por que Deus elegeu a Israel, se é que Deus existe e elege? É possível medir [quantificar] a maturidade religiosa de um povo? Não seria possível que existissem culturas, anteriores a Israel, com mais sensibilidade e elevação religiosa do que o ‘povo eleito’? (...) Não seria ‘mais genuinamente religioso’ se contentar com uma universalidade restrita, renunciar a pretensões absolutas, competir fraternalmente pela verdade e deixar ao Deus único que, no final de todos os percalços históricos, revele, se considerar oportuno, que religião, que forma de buscá-lo, foi ‘mais verdadeira’?”<sup>12</sup>.

Poder-se-ia, é claro, replicar a Fraijó que não é possível entrar neutros nesse mar, senão optando pelo lugar hermenêutico dos cientistas da religião. Mesmo assim, suas objeções merecem, sem dúvida, uma atenta reflexão. Basta mencionar, a seu favor, que o próprio Torres Queiruga descarta o termo “eleição” em sua produção mais recente.

Um último destaque merece o quarto capítulo, sobre a leitura cristã do *mysterium iniquitatis*. Porquanto já o tenha tratado em várias outras ocasiões<sup>13</sup>, Torres Queiruga retoma a questão para precisar melhor sua perspectiva

<sup>10</sup> Cf. *op. cit.*, sobretudo as p. 217-226.

<sup>11</sup> Seria mesmo uma “estratégia do amor” dedicar-se intensamente a um só para chegar mais rápido aos demais?

<sup>12</sup> M. FRAIJÓ, *op. cit.* p. 224-225.

<sup>13</sup> Cf. *Recuperar a salvação*: para uma interpretação libertadora da experiência cristã. São Paulo: Paulus, 1999; *Recuperar a criação*: por uma religião humanizadora. São Paulo: Paulus, 1999; *Creio em Deus Pai*. São Paulo: Paulus, 1993; o verbete “Mal”. In: *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 449-454, e vários outros artigos.

e terminologia, sobretudo como resposta a alguns críticos<sup>14</sup>. Chegou-se, por exemplo, a definir como “budista” a posição do teólogo galego sobre o mal.<sup>15</sup> A graça do enfoque do Autor nesta matéria está na proposta de uma equilibrada articulação entre dois termos também cunhados por ele: ponerologia e piteodiceia. O primeiro considera o mal em e por si mesmo, antes de qualquer consideração de caráter religioso. O segundo dirige-se ao modo de cada pessoa, seja atéia, agnóstica ou religiosa, configurar o sentido da própria vida no mundo perante a inevitabilidade do mal. Assim, ninguém poderá, coerentemente, refutar outras “explicações” do mal se não conseguir dar sentido a sua vida diante do enigma do mal. Vale a pena acompanhar a argumentação do Autor nesse ponto.

Em suma, a presente obra de Torres Queiruga confirma-nos ser urgente um renovado diálogo dos cristãos latino-americanos com suas próprias tradições ancestrais (cap. 6 e 7). Este pressupõe uma autêntica compaixão pelos pobres de Iahweh (cap. 5), numa busca concreta de superação do mal (cap. 4). Motiva-a o princípio cristão do amor agápico (cap. 3), do qual vamos nos apercebendo maieuticamente (cap. 1), *desde o Terror de Isaac até o Abbá de Jesus* (cap. 2).

Afonso Maria Ligorio Soares é Doutor em Ciências da Religião e professor no Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP.

<sup>14</sup> Por exemplo, M. FRAIJÓ. *A vueltas con la religión*. Estella: Verbo Divino, 1988. p. 117-162; J. A. ESTRADA. *A impossível teodicéia: a crise da fé em Deus*. São Paulo: Paulinas, 2001.

<sup>15</sup> Palestra de Elbio Medina citada em A. SOARES. O mal existe. Que bom!? Intuição teológica contemporânea a respeito do mal, da dor e do pecado a partir da obra de Juan Luis Segundo”. *Vida Pastoral*, São Paulo, n° 189, p. 2-11, jul. 1996.